

PAISAGEM ETNOGRÁFICA: IMAGENS, INSCRIÇÕES E MEMÓRIA NOS CADERNOS DE CAMPO

Ondina Fachel Leal¹

Quando o campo é o campo

Este trabalho é sobre um reencontro com imagens e anotações do meu diário de campo. Há quase 30 anos eu desenvolvi pesquisa etnográfica sobre cultura pastoril tradicional da região do pampa, no território das grandes estâncias de produção de gado na fronteira do Brasil e Uruguai (Leal, 1989). Durante dois anos, 1987 e 1988, o período de duração de meu trabalho de campo, com algumas idas e vindas de Porto Alegre à região da campanha, com longos períodos de isolamento na estância que passou a ser o *lugar* central de meu trabalho e muitos percursos entre as pequenas cidades e vilas na região do pampa – preenchi vários diários, redigi anotações, tirei muitas fotos. Juntamente com os diários, estão muitas entrevistas, algumas transcritas, outras permanecem em fitas indexadas, infinitas histórias e causos que aqueles homens, os *gaúchos*, me relatavam, e encontro também longos rascunhos de cartas ao orientador, e outras tantas longas cartas do orientador, anotações de leituras, mapas, literatura gaúcha, poemas, panfletos de eventos, muitas outras fotos, slides, retratos em preto-e-branco, e negativos: tudo isto foi se acumulado em caixas e em gavetas e é a isto que estou chamando *cadernos de campo*. Estou referindo-me ao *diário* e suas adjacências, a tudo aquilo que foi coletado neste processo de trabalho de campo e que em campo me auxiliava a captar aquela cultura a que me propunha a estudar nos cânones clássicos do exercício etnográfico.

Aquele trabalho tratava de identidade e cultura gaúcha que, neste caso, sobrepõe-se também à identidade de gênero. Gaúchos aqui, tomados na acepção restrita do termo, vaqueiros, trabalhadores rurais e da pecuária extensiva da região do pampa latino-americano. O pampa é a paisagem dos percursos e das vidas destes homens. Nas *estâncias*, em suas grandes dimensões territoriais (maior do que três mil hectares é o que definia ser uma estância), voltadas à produção tradicional de gado de corte e de lã, é onde estes homens trabalham e vivem, algumas vezes circulando entre mais de uma

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

estância, com trabalhos sazonais, como a doma, arameiros, esquiladores. O *galpão* é a casa destes homens, alguns trabalhadores fixos, outros temporários, outros ainda, de passagem, a cavalo, a caminho de outra estância e “pedem pouso”. Em infinitas horas no galpão, ao redor do fogo de chão, coletei atenta estas histórias e conversas e busquei as condições sociais de produção destas narrativas que constroem e organizam uma identidade. Em outras muitas horas de cavalgadas, acompanhei o cotidiano de trabalho, das lidas do campo, do pastoreio. Mais adiante, muito mais adiante, nos limites entre estas grandes propriedades rurais da região, há pequenos vilarejos identificados como “las casas”, lá vivem algumas famílias, mulheres e crianças de homens ausentes por longos períodos de tempo. Eventualmente, nestes percursos pelo pampa, na perspectiva dos peões, distâncias que se mediam em dias de cavalgadas, encontram-se pequenas cidades e até mesmo cidades de porte médio, do lado uruguaio ou do lado brasileiro, pontos importantes de convergência onde tem bolichos, CTGs, leilões de gado, feiras, festivais, bailes, rinhadeiros, canjas retas. Algumas vezes, escolas, algum serviço de saúde, sindicatos, armazéns com insumos agrícolas.

É a narrativa do contexto descrito acima e naquela temporalidade captada há quase três décadas que me proponho a reencontrar aqui, agora, através de uma narrativa conformada por uma sequência de imagens. Em todos estes anos que se passaram, muitas vezes voltei a esta região, mas as fotografias aqui apresentadas são imagens daquela época e vinculadas àquele trabalho de campo, quando o meu *campo* era o campo, a pradaria do pampa. Durante o período de trabalho de campo centenas de fotos foram tiradas, elas não fizeram parte do texto etnográfico final – a tese – por uma série de questões operacionais que exigiriam mais tempo e mais recursos que estavam fora do escopo daquele trabalho acadêmico. Mas todas as imagens destes dois anos de trabalho de campo, algumas delas aqui expostas, foram fundamentais como dados brutos, centrais em meus cadernos de campo, juntamente com todas as inscrições junto a elas, nas margens das *contact sheets* e nos reversos das fotos. Sem dúvida, as fotos são centrais ao diário de campo e funcionaram elas próprias como inscrições, registros de memória. Estas fotos também foram elementos importantes, dádivas de retorno a todos aqueles com quem convivi naquele trabalho. As fotos foram tomadas como dádivas preciosas e raras – aqueles homens, muitas vezes errantes, carregam consigo apenas um

pequeno fardo de pertences pessoais no lombo do cavalo – e estas fotos passaram a fazer parte da vida de alguns.

Para pensar a presença da fotografia como recurso etnográfico em minha própria trajetória como antropóloga é importante mencionar que em trabalho de pesquisa anterior eu já tinha usado a fotografia como recurso descritivo e, neste caso, como parte do texto final. (Leal, 1983; 1986) A fotografia, seu estudo e seu exercício foi uma paixão em minha trajetória de vida e como antropóloga. Naquele trabalho, uma pesquisa proposta como uma etnografia de recepção de uma telenovela, a narrativa fotográfica buscava localizar o aparelho televisor nas casas das pessoas e expor os gostos através do relato do sistema de objetos e de seus espaços. Mencionava que optava por um texto fotográfico que fosse capaz de recompor em outra grafia a descrição dos universos onde a novela era captada. A proposta era a de chegar ao *lugar* da novela no cotidiano das pessoas e ao lugar que os televisores ocupavam na casa de cada um, no caso, dois grupos socialmente diferenciados. Entendia-se que o lugar que a novela ocupava na vida de cada um, tinha a ver com o lugar que a televisão ocupava na casa de cada um.

Em outro trabalho, alguns anos mais tarde, posterior às experiências do uso da fotografia acima descritas, em um trabalho de orientação, desenvolveu-se uma reflexão sobre a fotografia e assumimos nomear esta capacidade autônoma do relato fotográfico no contexto da percepção antropológica da dinâmica cultural como *fotoetnografia*. (Achutti, 1997).

Gavetas da memória

Retomo aqui o diário de campo com os gaúchos no pampa em suas diferentes texturas: os cadernos de anotações, caixas de fotos, imagens, inscrições e textos. De fato, mais do que diários, ou além das icônicas cadernetas de capa preta em diversos tamanhos, aquelas imagens, cartas, anotações, inscrições: cada camada de velhos papéis foi abrindo uma espécie de gaveta de memória, com sucessivos fragmentos discursivos a serem remontados como em um quebra-cabeça, despertando uma reflexão sobre o ofício de antropólogo. É sobre este *encontro*, reencontro ou, melhor ainda, *encounter* – na especificidade de significado em que é tomado na literatura antropológica de língua inglesa – com os meus dados brutos novamente que quero reconstruir uma narrativa

imagética, tecendo alguns comentários suficientes para contextualizar esta nova narrativa. Revisito minhas anotações e as fotos, vejo os rostos e mais rostos de pessoas com quem há muito tempo passei muitas horas conversando; outros, talvez menos tempo, mas que, de uma forma ou de outra, sempre foram importantes e me marcaram profundamente. Localizo mentalmente seus nomes. Não consigo lembrar o nome de alguns, o que gera certa angústia em mim, mas encontro aliviada seus nomes em minhas anotações. Vejo as imagens da paisagem do pampa que sempre me emocionam muito, despertam um sentimento que vem misturado com nostalgia, leio pequenas inscrições no verso de algumas fotos, encontro versos, poemas, letras de canções a que aqueles homens tinham me ensinado. Recorro à noção de paisagem e dou-me conta que as fotos são uma sequência de paisagens enquadradas que imobilizam um instante que ajudaram a construir uma determinada narrativa daquele pampa com seus personagens. A paisagem enunciada permanece em seu lugar, *lá*, que não é imóvel, mas o instante fotográfico a imobilizou também em uma paisagem-simulacro. Como diz Bender (2002) paisagens são criadas pelo entendimento e participação das pessoas com o mundo em que estão inseridos, são sempre momentos em um processo que é formatado e reformatado.

Bender (2002) discutindo a noção de paisagem, na tradição da pesquisa arqueológica, entende que há uma historicidade e uma espacialidade na ação das pessoas com os seus mundos não mais naturais mas sócio-culturalizados. Apresenta duas assertivas para dar conta das noções de tempo e espaço e de espaço de tempo no conceito de *landscape*: primeiro, paisagem é tempo materializado (ou em contínuo processo de materialização) porque assim como o tempo, a paisagem nunca está parada, imóvel; e, segundo, a paisagem assim como tempo, nunca podem “estar lá”, são sempre experiências subjetivas daqueles que as apreende. “Tempo não é uma coisa *ou* outra, é ambas as coisas. Tempos diferentes se acoplam um em outro e recebem significados um do outro” (Bender, 2002: 104).

A discussão de paisagem na antropologia esteve sempre relacionada com a forma de enquadramento ou moldura como apresentamos o nosso fato etnográfico, como revelamos o nosso objeto de estudo ao *público*, para o *nós*, que significados adjudicamos ao *outro*, que escolhas fazemos quando o retiramos de seu contexto e o transformamos em texto. Paisagem não é o que vemos, mas uma *forma de ver*, sempre

uma construção social daquele que vê, ajustando-a a sua própria maneira de conceber o mundo, a um enquadramento teórico-ideológico. Neste sentido, a etnografia de Alpers (1993) tomando como objeto a pintura Holandesa do século XVII, desenvolve bem esta ideia daquele que no ato de representar apreende uma determinada imagem, compondo uma paisagem cultural, na especificidade daquele que constrói esta descrição pictórica em uma sociedade, no caso, que privilegia o *olhar*. Antes do advento da fotografia, era a pintura que produzia a paisagem e os retratos, esta pintura cumpria determinados parâmetros e habilidades de modos de ver socialmente determinados.

Fecho minha gaveta cheia de fotos, inscrições e memórias. Claro está que a partir da definição antropológica adotada pela UNESCO em 1992 de *cultural landscapes* como a “interface entre natureza e cultura, o patrimônio tangível e o intangível, como diversidade biológica e cultural – que representa uma rede de relações, a essência da cultura e da identidade dos povos” (Rosseler, 2006: 334), passa a existir, para além de uma conceituação reificada, uma normatização a este respeito, com enunciação de paisagens patrimônios, bens intangíveis com um lugar e preço politicamente definidos e uma instituição que gerencia este mercado global de paisagens. O conceito não nos pertence mais e perde um pouco de seu potencial explicativo.

Abro novamente a gaveta e os diários. Em uma carta do meu orientador, Burton Benedict, datada de 17 de janeiro de 1987 ele diz “trabalho de campo é tudo”: pergunte, observe, anote, fotografe, colete o *lore*, pergunte para os teus gaúchos o que os galos representam, pergunte por que os homens se suicidam... Busque as razões deles, depois, no livro (ele sempre tratava a tese como um “book” e em outras ocasiões mencionara que se não pode ser um livro-de-capa-dura provavelmente não é uma tese). Como uma caixa de Pandora, um turbilhão de memórias salta da gaveta a partir de fragmentos de papel amarelado com escrituras desbotadas, nas folhas de papel de seda das cartas, no rascunho de minhas cartas ao mestre distante. “Lembre-se de tua missão” dizia ele. Como se minhas reminiscências fossem folhas de papel de seda corroídas pelo tempo, com pequenas fissuras, texturas amassadas, prestes a desintegrarem-se, recupero no *aqui e agora*, muitos anos depois, a história que ele repetia reiteradas vezes de forma ritualística no início de nossos seminários mensais de orientação que agregavam quatro ou cinco orientandos: “eu os escolhi, vocês são a quarta geração, honrarão este

compromisso com o trabalho de campo, o trabalho tem que ser a coisa mais importante que acontece na vida de vocês, tem que ser uma experiência transformadora”. Benedict tinha concluído seu doutoramento em 1954 na London School of Economics sob a orientação de Raymond Firth, que por sua vez, tinha sido orientado por Bronislaw Malinowski. Contava, por vezes, solene, por vezes jocoso, que estava repetindo o que Firth havia repetido como preâmbulo em seus encontros de orientação, que por sua vez, era o que Malinowski havia repetido a Firth e que o mantra deveria se perpetuar como uma missão histórica, e ser repetida por nós aos nossos futuros discípulos. A investidura de responsabilização sobre o rigor na apreensão dos fatos e da performance etnográfica, herdeiros diretos da tradição Malinowskiana nos honrava e assustava. Antes mesmo que um de nós ousasse alguma crítica ao positivismo, ele adiantava: “é preciso ter fatos para depois desconstruí-los”.²

Clifford (1990) em suas “Notes on (Field)notes”, aponta as notas de campo como a base empírica privilegiada da prática descritiva da antropologia. O mais simples relato de campo pressupõe que o texto ou paisagem capturado seja parte de um contexto social, cultural e geográfico mais amplo. Analisando imagens de antropólogos no campo, no momento da redação de suas notas, Clifford toma o processo da escritura das notas de campo como a essência do fazer etnográfico e como legitimador do próprio campo disciplinar, da instituição antropologia; entretanto, ao mesmo tempo, percebe as notas de campo como um discurso de autoridade, que naturalizam o “lugar”. Chama atenção para o fato de que a etnografia é um processo de ordenamento de *inscrições*, notas múltiplas, fragmentadas, desarticuladas, subjetivas, emocionalmente carregadas. O etnógrafo *inscreve* discursos sociais, coloca-os no papel. Fazendo isto, ele os transforma de eventos passados, em uma narrativa que passa a existir em suas *inscrições*. Ainda para Clifford (1988:112): “A disciplina da antropologia baseada em trabalho de campo, ao construir sua autoridade, constrói e reconstrói *outros* culturais coerentes e *selves* interpretativos”.

Fabian (1983) argumenta que diferenças na construção de nós e eles na etnografia é um complexo jogo de distâncias, ao que eu incluiria, de sobreposição de imagens e de

² O comentário se dá no contexto que alguns entre nós (eu e um colega) fazíamos também o Seminário sobre *Ethnographic Writing* de Paul Rabinow e James Clifford, *University of California Berkeley and Santa Cruz Seminar*, no mesmo período, 1985. Certamente que este seminário representa muito mais do que apenas um fragmento da memória na discussão aqui apresentada.

narrativas. Neste jogo de distâncias temporais e espaciais, percebo aquilo que sai de minhas gavetas cheias de inscrições e vestígios de outro tempo e de outro lugar como uma nova narrativa. A este reencontro com os meus diários, minhas fotos, versos dispersos, e tudo aquilo que os acompanha, inclusive o tempo que passou e a estas inscrições inexoravelmente se agregou – a esta tessitura que reconstruo aqui é o que estou chamando de *paisagem etnográfica*. A paisagem e o tempo ali inscritos não são mais (ou nunca foram) aquele *lugar* e aquelas pessoas a que se referiam originalmente, não trata mais daquele *tempo*, o da escritura da etnografia. Trata-se de um novo *encounter* agora de restos, notas, imagens e memórias que se reorganizam em um nova discursividade, com uma textura imagética e fundamentalmente evocativa. A fotografia, dizia Barthes, é subversiva não quando assusta, perturba ou até estigmatiza, mas quando é pensativa. (Barthes, 1981:61). Estas fotos enunciam, a partir desta enunciação e de suas pistas construo um relato, uma história.

Toda a história é uma história de viagem – uma prática espacial, diz De Certeau (1984). Na reflexão de De Certeau, narrativas carregam um trabalho que constantemente transforma lugares em espaços ou espaços em lugares. Elas também organizam um jogo de relações em constante mudança entre espaços e lugares. Espaço é um lugar vivenciado. Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Um lugar é uma ordem segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Implica uma indicação de estabilidade momentânea, “aquele lugar” e “este lugar”. No caso aqui em discussão, aquele lugar é o pampa gaúcho do trabalho de campo; este lugar é a narrativa que construo a partir de eventos que minha gaveta enuncia e permite. Mas há também um “outro lugar”, também temporalmente demarcado, o da etnografia que organizou a narrativa nos cânones acadêmicos vigentes, também datados e espacialmente definidos, aqueles que, findo o trabalho de campo, transformaram a aprendiz em antropóloga. Clifford (1990) nos diz que *o campo* transborda nas notas e que os limites do que são notas de campo e o que é a etnografia se confundem. Não consigo evitar a imagem de uma gaveta que transborda, onde notas e memórias se misturam em outra operação discursiva. A experiência de campo é uma coleção de muitas pequenas histórias. A gaveta que se abre me oferece um excesso de ambiguidades e significações.

Olhar fotográfico na construção da paisagem etnográfica

“A fotografia é rapto, roubo ou violação, suporte de uma magia íntima que organiza as promessas e as ameaças de uma vida inquietante de imagens” (Castel, 1979: 313)

Imagens são indissociáveis de paisagens. E, ambas são concebidas e são produtos de ação prática de sujeitos no mundo. A imagem da fotografia, que evoca e constrói uma paisagem, exige de seu autor o reenquadramento desta paisagem desterritorializada, um processo de seleção e de exposição de outros sujeitos e a captação de outros olhares. A imagem, nos diz Castel, “é literalmente o negativo da presença, só pode encontrar um sentido adquirindo um tipo diferente de existência: a existência imaginária do símbolo [...] Todo o símbolo é imaginário, toda imagem é representação de uma ausência. Mas a fotografia é a ausência real [...] (Castel 1979: 316-323). Leio uma anotação minha em um guardanapo de papel, dobrado dentro de uns dos diários de campo: “*De que serve a foto se a moça não está mais aqui* inscrição em um para-choque de caminhão (placa de Uruguaiana), posto de gasolina da BR 290”. Teria o caminhoneiro em seus percursos lido Castel, Barthes ou Eco? Faço eu um percurso que vai do guardanapo com a inscrição de difícil leitura até minha memória e passa por este e outros lugares, páginas de livros, e falas perdidas que nunca chegaram a transformarem-se em textos.

A fotografia, como a etnografia, é um aprendizado da observação paciente, de elaboração minuciosa de diferentes estratégias de aproximação com o objeto, de uma vigilância constante e de prontidão para captar o acontecimento no momento do acontecido. A dupla capacidade da câmara de subjetivar e objetivar a realidade, de fazer distanciar-nos e aproximar-nos do objeto, nos dá uma consciência aguçada de que se é responsável por este processo de apreensão da realidade, de que se é sujeito de um ato de conhecimento. O próximo e o distante, o exótico e o íntimo, categorias caras à antropologia, são noções intrínsecas ao fotografar porque se referem ao íntimo do outro: o domínio do privado é aqui o domínio de uma alteridade e, chegar ao outro significa penetrar neste domínio.

O ato de fotografar nos traz uma noção de posse de realidade e, ao mesmo tempo, a certeza da impossibilidade desta posse. Apreendemos apenas fragmentos. Para que se

produza uma imagem há a necessidade de reconstrução e de um processo de revelação de realidade. Captamos luz e sombras, brincamos com o tempo e congelamos o instante. Cria-se um tempo único: realidade imobilizada, imagem sempre roubada (ainda que o roubo tenha sido consentido) a ser exposta e consumida. Fotografar é o aprendizado de um olhar sobre o outro, este olhar é imobilizado em uma imagem, imagem esta que tenha o poder de captar olhares de outros. Que seria do fotógrafo se não contemplassem suas imagens? Fotografando, somos um olhar que busca olhares. O olhar capaz de seduzir outro olhar é sempre perturbador.

Fotografar é um cultivo didático do prazer da percepção do detalhe e do todo, que passa ou não pela técnica da objetiva, da grande-angular, do focar e do desfocar, dos diferentes tons possíveis na impressão e, enfim, da revelação da imagem, que não é mais a coisa fotografada (mas plena de vestígios do real): é realidade revelada.

Este estudo trata de imagens: paisagens, retratos, imagens de pessoas e de objetos – minhas imagens sobre os imaginários daqueles homens que com o tempo (no tempo daquele encontro) fomos construindo uma certa intimidade e uma cumplicidade. Quero localizar na narrativa imagética que aqui segue os personagens que povoaram o meu campo e minha etnografia. Na etnografia (Leal, 1989) estes personagens não tinham faces e dispersaram-se em palavras em uma retórica letrada, olhares dissiparam-se e não perturbaram. Apenas fragmentos de suas falas resistiram. Nos cadernos de campo, relegados a memórias engavetadas em uma velha estante, estes personagens e lugares são imagens. Reencontro também olhares, olhares que indicavam o encontro com o olhar de quem capta a imagem. Olhares altivos que parecem dizer que sabem mais de mim do que eu sei deles.

Percebo personagens engajados com o ambiente e mimetizados na paisagem. Natureza e cultura aparentemente intocadas, profundamente entrelaçadas. Imensidão e silêncio absoluto lá fora, contrastando com a conversa e, por vezes música, que o fogo de chão congrega nas noites no galpão. Falas plenas de metáforas retiradas da natureza que vão se desdobrando como se poemas fossem. O pampa, o palanque da doma, o umbu das histórias de enforcados. Altivos galos ensanguentados. Marcas de fictícias fronteiras. Homens e mulheres espacialmente segregados. Objetos deixados para trás quando os donos (que permanecem donos) de lá se foram, há mais de um século.

Organizo a seguir esta narrativa em uma sequência de vinte e sete fotografias e incluo, como se imagem fossem, as pequenas inscrições que estavam atrás destas fotos, por vezes na minha voz, por vezes inscrições de outras vozes. Os fragmentos são dispersos como os espelhos autorais que nos fala Tylor e desnudam – implacáveis – minha subjetividade no encontro aqui proposto. Esta narrativa é uma evocação. “Evocação supera a separação entre o sensível e o concebível, entre a forma e o conteúdo, entre *self* e o outro, entre a linguagem e o mundo” (Tylor, 1986: 123). A guisa de legenda, acredito que as pequenas anotações, que já pertenciam às imagens, justapostas às fotos sinalizem ao olhar um percurso possível para esta narrativa.

Entre vestígios, inscrições e evocações, em um jogo de paisagens e textualidades que se sobrepõem reflexivamente, achei que era justo deslocar também eu mesma, a antropóloga, como parte do jogo de perspectivas, para dentro desta paisagem etnográfica que aqui se reinscreve. Afinal, “uma antropologia total não pode limitar-se a construção de relações objetivas porque a experiência das significações faz parte da significação total da experiência” (Bourdieu, 1978: 18). O último fragmento desta narrativa é uma paisagem da apropriação feita pelo Lowie Museum³ de algumas fotografias e itens da cultura material coletados durante o trabalho de campo, compondo uma outra bricolagem sobre identidade gaúcha. Narrativas de narrativas, imagens de imagens, neste nosso complexo jogo de espelhos, vozes, aprisionamentos e desvendamentos do *outro*, de mim mesma, e do empreendimento antropológico.

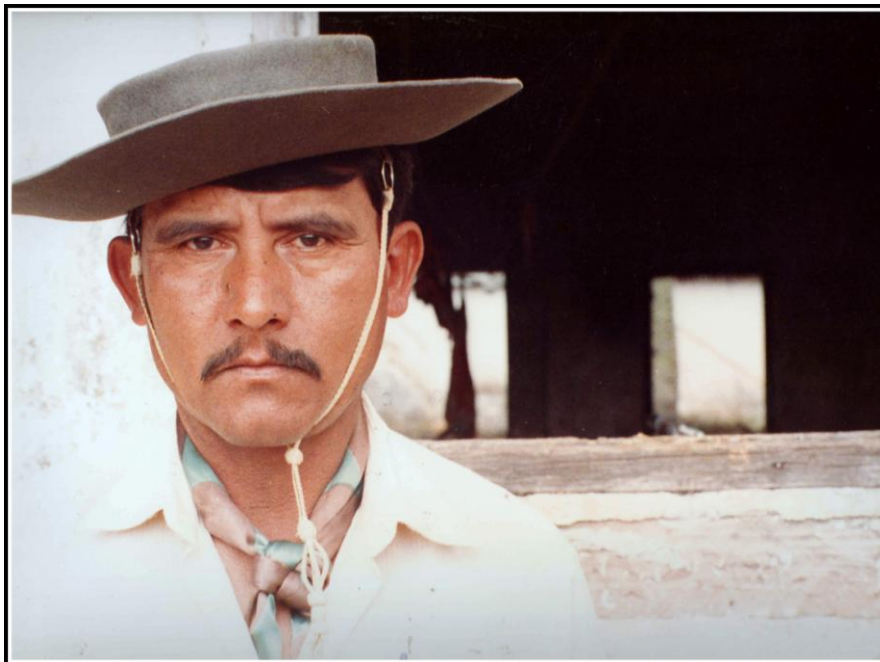
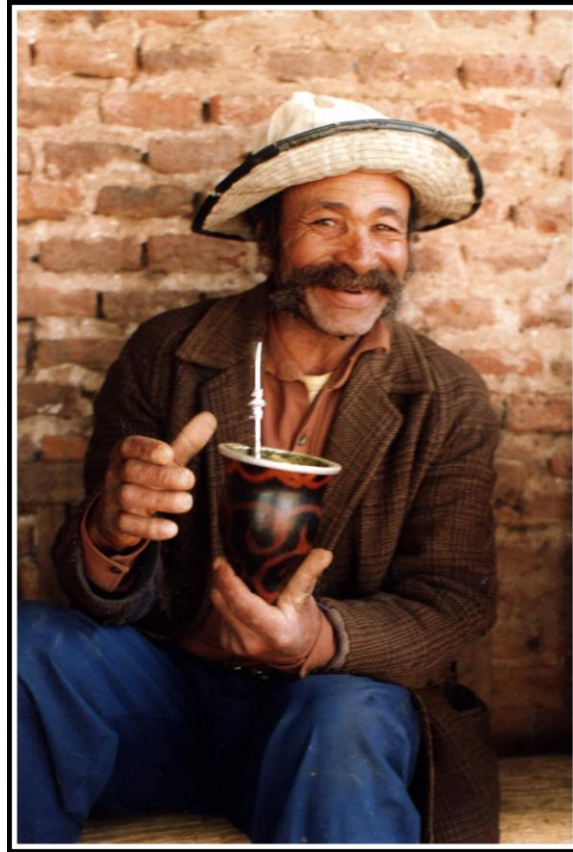
³ Lowie Museum, hoje Hearst Museum, Kroeber Hall, University of California, Berkeley.

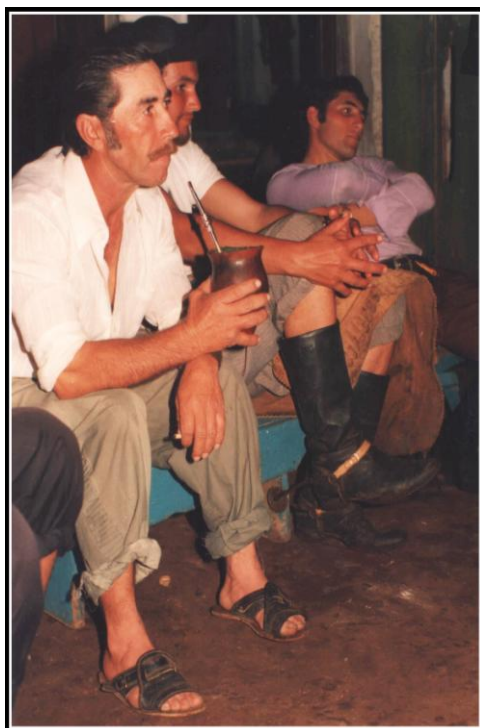
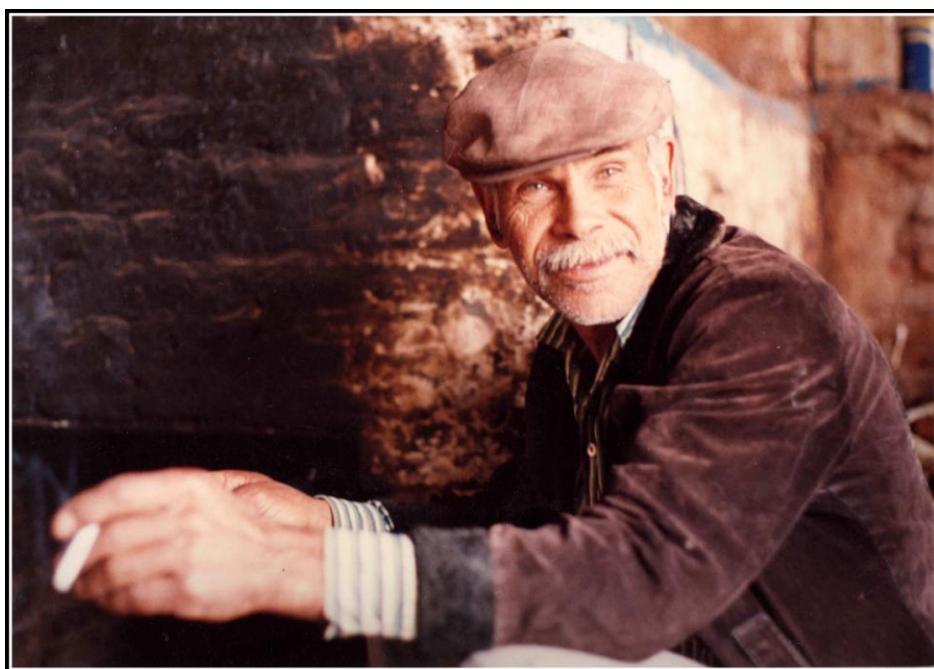


"Os gaúchos são um grupo de homens de aparência singularmente marcante; geralmente altos, muito bonitos, e com uma expressão orgulhosa e irônica. Eles usam bigodes e cabelo negro e longo. Eles parecem uma raça muito diferente de homens."

Charles Darwin
Diary 1831-1836









Pampa, quantas luas
sangas nuas,
dores tuas,
só lonjuras.

Dilan Camargo





Este horizonte absoluto,
o mundo dividido em duas metades, uma
verde, outra azul.
A linha reta do horizonte não me indica
se estou chegando mais próximo. A linha
desfaz-se, emorçada, derrete-se.
6 de janeiro 1988



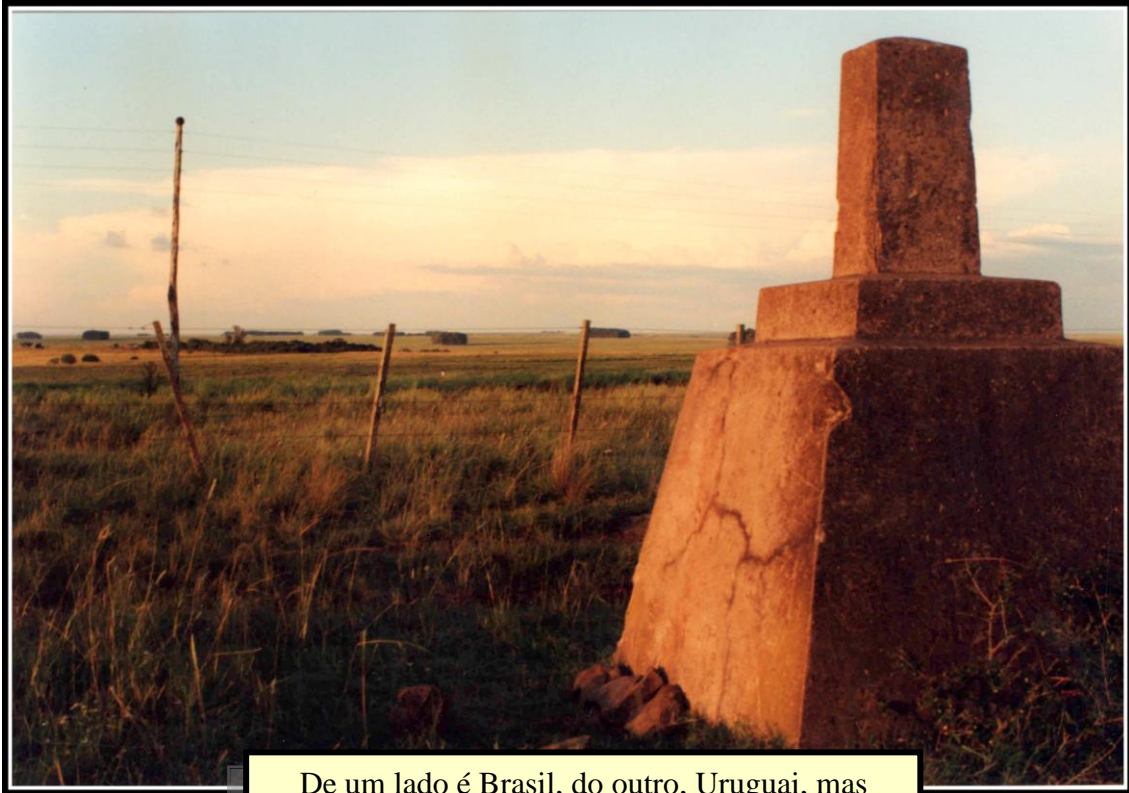


*Valente galo de briga,
Gasca vestido de penas
Quando arrastas as chilenas
No tambor de um rinhadeiro
No teu ímpeto guerreiro
Vejo um gaúcho avançando
Ensanguentado, peleando
No calor do entrevero!*

Jaime Caetano Braum

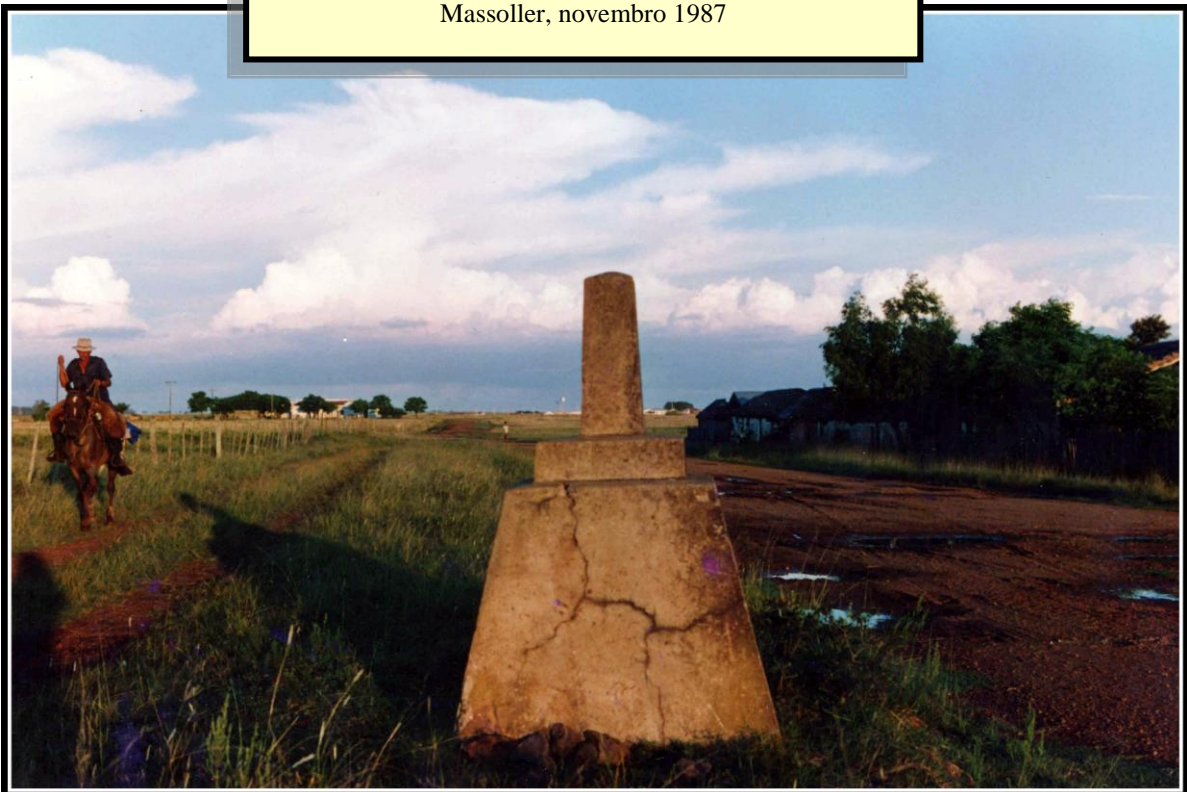






De um lado é Brasil, do outro, Uruguai, mas
ninguém repara nestas marcas.
Ali é tão somente a pátria gaúcha.

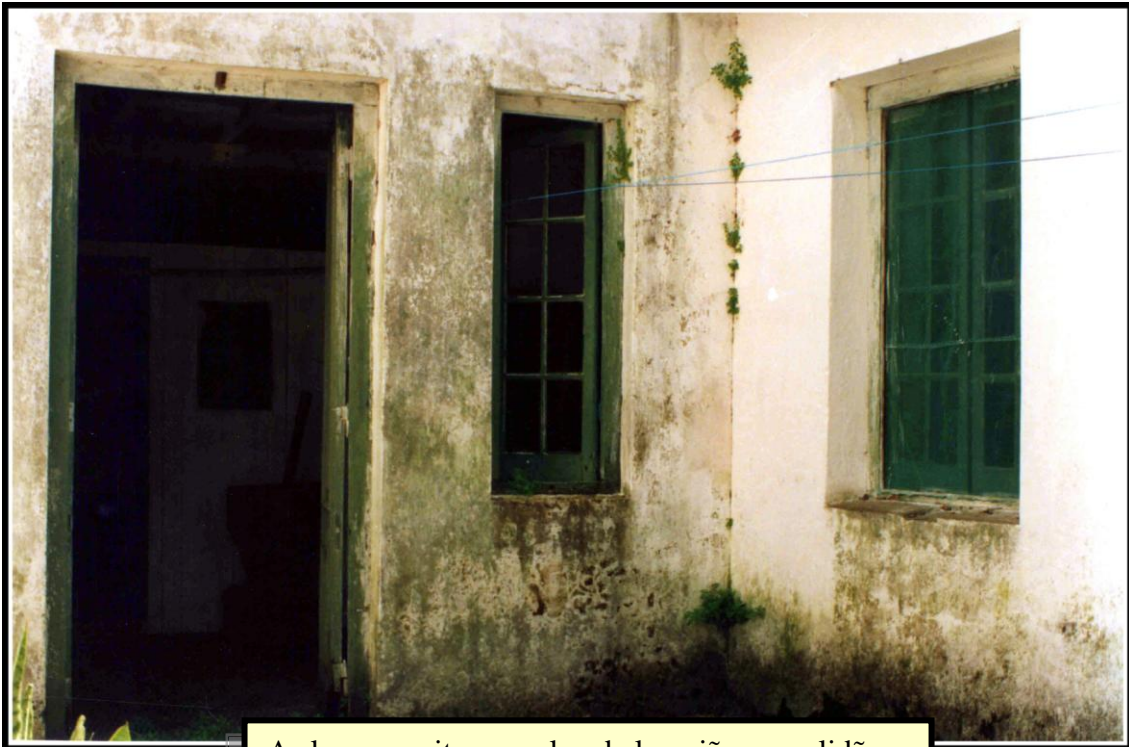
Massoller, novembro 1987





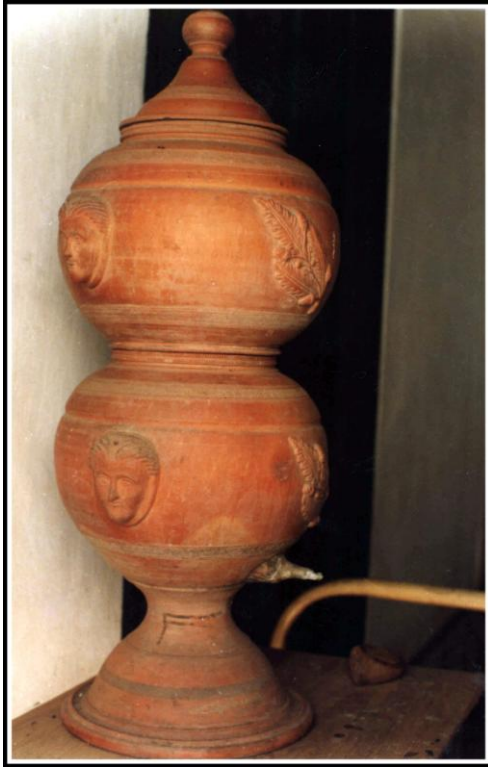
*El demônio son los hombres,
dicen todas las mujeres
y solo estan deseando
que el demônio se las lleve*





As longas noites com luz de lampião e a solidão na casa grande me inquietavam. Cada objeto contava uma história. O silêncio e o cheiro da casa exalavam uma memória que não me pertencia.







Lowie Museum of Anthropology
University of California, Berkeley
Exposição *Gauchos* 1988-1989

Referências

- ACHUTTI, Luiz Eduardo. *Fotoetnografia: Um Estudo de Antropologia Visual sobre o Cotidiano, Lixo e Trabalho*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1997.
- ALPERS, Svetlana. *The Art of Describing: Dutch Art in the Seventeen Century*. Chicago: University of Chicago Press, 1983.
- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Lisboa: Edições 70, 1981.
- BENDER, Barbara. Time and landscape. *Current Anthropology* Vol 43, August-October 2002: 103-112).
- BOURDIEU, Pièrre. Introducción. In: BOURDIEU, P. (ed) *La Fotografía: Um Arte Intermedio*. Mexico: Editorial Nueva Imagen, 1979
- CLIFFORD, James. *Predicament of Culture: Twenty-century Ethnography, Literature, and Art*. Cambridge: Harvard University Press, 1988.
- CASTEL, Robert. Imágenes y Fantasmas. In: BOURDIEU, P. (ed) *La Fotografía: Um Arte Intermedio*. Mexico: Editorial Nueva Imagen, 1979.
- CLIFFORD, James. Notes on (field)notes. In: SANJEK, R. (ed) *Fieldnotes: The Making of Anthropology*. Itaca: Cornell University Press, 1990.
- DE CERTEAU, Michel. *The Practice of Everyday Life*. Berkeley: University of California Press, 1984.
- FABIAN, Johannes. *Time and Other: How Anthropology Makes Its Object*. New York: Columbia University Press, 1983.
- LEAL, Ondina Fachel. *A Leitura Social da Novela das Oito*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 1983.
- LEAL, Ondina Fachel. *A Leitura Social da Novela das Oito*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- LEAL, Ondina Fachel. *The Gauchos: Male Culture and Identity in the Pampas*. PhD Dissertation in Anthropology. University of California, Berkeley, 1989.
- ROSSLER, Mechtild. World Heritage Cultural Landscapes. *Landscape Research*. Vol. 31,4: 333-356.
- TYLOR, Stephen. Post-Modern Ethnography: From the Document of the Occult to Occult Document. In: CLIFFORD, J.; MARCUS, G. (eds.) *Writing Culture: the Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley, University of California Press, 1986.

Recebido em: 08/10/2013

Aprovado em: 07/11/2013